

A CIDADE COMO LUGAR DE MEMÓRIA: O CASO DOS CALDEIRÕES NA CIDADE DE LAJEDO-PE

Emanoel Magno Atanásio de Oliveira – emanoel077@gmail.com
Universidade Federal de Pernambuco, Mestrando em Antropologia.

Julio César Félix da Silva – juliocesar.felix@hotmail.com
Universidade Federal de Pernambuco, Mestrando em Geografia.

Resumo:

O presente estudo aborda a cidade como lugar de memória, tema relevante que serve como instrumento de revalorização das formas históricas e lugares do espaço urbano. A partir do resgate da memória coletiva pode-se ressaltar a identidade construída ao longo do tempo por um grupo de indivíduos com lugares específicos da cidade, evidenciando assim a importância de aspectos necessários para o tombamento do referido local ou forma como patrimônio histórico cultural. Assim, a ideia deste trabalho é analisar a estrutura rochosa dos Caldeirões como memória coletiva urbana dos cidadãos de Lajedo, visando evidenciar a importância da mesma como identidade do lugar e possível patrimônio histórico cultural. Para tanto, pretende-se traçar os seguintes objetivos específicos: Identificar aspectos que levem os Caldeirões a se caracterizar enquanto patrimônio histórico cultural; Caracterizar a forma e o uso dos Caldeirões no decorrer da história; Examinar os Caldeirões enquanto memória coletiva urbana dos cidadãos lajedenses. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se como metodologia: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa qualitativa. No que tange aos Caldeirões, esse foi condição mister para o surgimento da cidade de Lajedo, pois abasteceu a população citadina em primórdios, além de ser um espaço de lazer e, por isso reside na memória de seus moradores. Entretanto, hodiernamente os Caldeirões se encontra negado pelos processos de urbanização, e pelo seu caráter histórico, torna-se fundamental revalorizá-lo, tomando como ponto de partida o sentimento de pertencimento dos cidadãos, a identidade desses com os Caldeirões, para outorgá-lo como patrimônio histórico cultural.

Palavras-chave: Memória, Identidade, Patrimônio histórico, Caldeirões, Lajedo.

1 Introdução

Desde meados do século XX, o Brasil vem passando por uma inversão expressiva de valores e atitudes sociais no que se refere à revalorização, preservação e conservação de formas espaciais de tempos passados, já que no decorrer do referido século, muito se admirou o novo, sobretudo as técnicas e os objetos técnicos trazidos pelo período técnico-científico-informacional. Essa valorização das formas passadas vem ocorrendo mormente no espaço urbano, o qual se constitui por objetos sociais de temporalidades distintas, embora as suas funções tenham se transformado no

transcurso do tempo, as formas expressam os traços da sociedade em diferentes esferas, bem como são elementos materiais dotados da capacidade de evocar lembranças, a despeito de proporcionar o fortalecimento ou debilidade da memória de indivíduos que outrora estabeleceram um modo de agir e pensar, laços afetivos e identidade em determinado lugar.

A memória é um elemento essencial para a identidade de um lugar, a começar pela memória individual a partir de depoimentos de pessoas ou registros de tempos passados, servindo assim como esteio para a consolidação e registro de uma memória coletiva, a qual diz respeito a um conjunto de relações sociais vivenciadas por um grupo no tempo e no espaço. Diante disso, a pesquisa em questão valoriza preferivelmente a cidade como lugar de memória, que constitui o principal horizonte deste estudo, especificamente a memória coletiva. Assim, a ideia deste trabalho é analisar a estrutura rochosa dos Caldeirões como memória coletiva urbana dos cidadãos de Lajedo, visando evidenciar a importância da mesma como identidade do lugar e possível patrimônio histórico cultural.

Isto posto, discute-se neste artigo a cidade como lugar de memória, empirizando com a estrutura rochosa dos Caldeirões na cidade de Lajedo-PE e com a memória de lajedenses concernentes ao referido lugar. Para tanto, de início apresenta-se algumas reflexões teórico-conceituais acerca de memória, identidade e patrimônio histórico. Posteriormente, se expõe os procedimentos metodológicos utilizados para operacionalizar a pesquisa. Em seguida, situa-se os Caldeirões e discute-se seus aspectos locacionais na cidade de Lajedo. Por fim, tece-se uma breve análise do objeto de estudo e da memória coletiva urbana dos lajedenses.

2 A Guisa de Apontamentos Teóricos

2.1 Da memória individual a memória coletiva

A memória é, biológica e psicologicamente falando, a capacidade cognitiva do homem de registrar, armazenar, conservar e manipular informações. Para Le Goff (1990, p.423),

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Por outra ótica, pode-se conceber a memória como um olhar para o passado, como um deslocamento do pensamento para os acontecimentos individuais e coletivos de tempos anteriores. É sob esse viés que reside o fio condutor da análise, considerando a memória como um elemento essencial da identidade de um lugar.

Para Santos, M. (2008), o lugar é o espaço do veraz, da esperança e da união, e por isso do acontecer homogêneo e solidário. Por essa razão, as memórias individuais de um lugar, de uma cidade, são memórias coletivas, pois trata-se de lembranças de vivências em grupo, de experiências compartilhadas com os outros nas relações sociais. Além disso, de acordo com Halbwachs (1990), nunca estamos sós, mesmo quando materialmente isolados em determinado espaço, pois carregamos conosco e em nós outras pessoas consciente ou inconscientemente, na medida em que reconstituímos experiências, descrições, explicações, enfim, modos de viver e de pensar dos outros.

Nesse sentido, o nosso interesse tem como referência a memória coletiva, a memória compartilhada por grupos sociais ao longo do tempo no lugar, pois até mesmo as experiências individuais são, de certa forma, coletivas. Todavia, a memória individual é o ponto de partida para o entendimento da noção de memória coletiva, haja vista que a memória individual se consolida no espaço mental das pessoas a partir do convívio social no lugar, ao mesmo tempo a uma aquisição das imagens e formas espaciais, suporte necessário para no futuro se reportar os acontecimentos passados. Conforme Abreu, M. (2011, p.25),

A memória individual pode contribuir, portanto, para a recuperação da memória das cidades. A partir dela, ou de seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos urbanos que já passaram e formas espaciais que já desapareceram.

Por essa razão, o resgate da memória individual de pessoas de tempos passados é primordial para corroborar a identidade de um lugar. Embora Abreu, M (2011) chame a atenção para a subjetividade da memória individual, já que a mesma possui armadilhas no que tange a fluidez e deformação geográfica dos lugares. Já Le Goff (1990) alerta para o perigo de um conjunto de fatores internos e externos ao indivíduo que se refletem consciente ou inconscientemente na reconstituição da memória individual, tais como a própria recordação, o esquecimento, as manipulações, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura, influenciam a memória individual. Por isso se faz necessário uma análise atenciosa da memória individual para se desviar das

armadilhas, algumas propositalmente estabelecidas por interesse particular de um indivíduo ou de um grupo para tirar proveito da situação.

No que se refere à memória coletiva, conforme Halbwachs (1990) trata-se de um conjunto de lembranças construídas por um grupo em determinado lugar, a partir da aderência coletiva a forma de agir e de pensar, isto é, a partir do convívio social entre membros que constituem o grupo e do apego com a própria materialidade espacial, a praça, a rua, o local de trabalho, a casa, a vizinhança, o bairro, etc. Para Santos, M. (2012, p.329) “A memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor de permanência e da elaboração do futuro”.

A partir do exposto, depreende-se que a memória coletiva é assim o resultado da solidariedade no cotidiano social e do apeço com o lugar, essas aderências marcam, e por conseguinte transcendem o indivíduo, fomentando a rigidez persistente de lembranças individuais e coletivas no lugar. A memória coletiva é uma memória externa que reúne as memórias individuais dos membros do grupo. Trata-se da história vivida por um grupo social no tempo e no espaço, imprescindível (para o grupo), pois é no passado que muitas vezes buscam estímulos para o presente.

Segundo Abreu, M (2011, p.28), “O que faz com que surja uma memória grupal ou social, referida a algum lugar, é o fato de que aquele grupo ou classe social estabeleceu ali relações sociais”. Deste modo, a cidade é um lugar privilegiado, por ser o hoje o *locus* da vida social, e reunir inúmeros modos de vida. A cidade é um ponto de interseção de vários grupos sociais, é um enorme espaço banal, e portanto, é híbrido do ponto de vista das relações sociais, o que implica na multiplicidade de memórias coletivas com aspectos semelhantes ou não, mas que coexistem na mesma cidade.

Entretanto, Abreu, M. (2011) assevera que nem todas as memórias coletivas urbanas conseguem ser registradas, de algumas restam apenas poucos vestígios na paisagem, mas que podem ser recuperadas, porém não todas, é uma tarefa impossível recuperá-las em sua totalidade. Evidentemente, pode-se “[...] resgatar muito do passado, eternizar o presente, e garantir às futuras gerações um lastro importante para a sua identidade” (ABREU, M. 2011, p. 28-29).

2.2 Identidade e patrimônio histórico

Questões voltadas para a definição do conceito de Identidade têm suscitado inúmeros debates referentes ao termo principalmente nas Ciências Humanas e Sociais.

No caso do Brasil, desde o início do século XX intelectuais tentaram encontrar aquilo que fazia do Brasil Brasil: buscava-se uma identidade nacional como que uma essência da brasilidade do caráter de um povo. Sem atentar para o caráter da diversidade cultural da sociedade brasileira, tentaram encontrar o que lhe era comum, mas o que lhe é comum era justamente esse caráter diversificado da cultura brasileira. Não havia necessidade de se encontrar uma essência, pois essa era, e é a essência: a diversidade cultural brasileira. Conforme Kalina V. Silva e Maciel H. Silva (2006, p.1): “[...] o conhecimento dessa diversidade passa pela definição das identidades étnicas, regionais, entre outras”. A partir da década de 1970 esse caráter diversificado da cultura e da sociedade brasileira passou a ser evidenciado e defendido por alguns desses intelectuais.

Ainda em se tratando da identidade os autores ao citarem Dominique Wolton observam e definem a identidade “[...] como o caráter do que permanece idêntico a si próprio; como uma característica de continuidade que o Ser mantém consigo mesmo” (WOLTON, apud, SILVA; SILVA, 2006). Identidade nesse sentido pode ser assim entendido como uma representação do “eu” ao mesmo tempo em que possibilita a sua continuação, que faz do indivíduo enquanto indivíduo semelhante a ele mesmo e, o diferencia dos outros. Há uma continuidade em relação ao passado, uma representação no presente projetando-se para o futuro. Essa representação o individualiza como ser único que é, mas também o projeta enquanto ser social que faz parte de uma coletividade sócio cultural ao qual se identifica.

O conceito de identidade vem ao longo dos últimos tempos, se transformando e já não concebe ou conhece aquela definição tão bem delimitada como outrora. Busca-se atualmente não mais por um modelo de identidade que venha a homogeneizar determinada sociedade ou cultura por vias de engessar a mesma. O social e o cultural por estarem imbricados e pelo caráter dinâmico de ambos não se faz mais necessário à busca incessante por uma identidade, mas sim por identidades. O surgimento de identidades outras e a conseqüente fragmentação das identidades nacionais faz surgir um inovador – porém não menos importante – conceito de identidade. Ou seja, o caráter relacional das identidades sociais e culturais, e sua construção por intermédio de encontros com identidades outras (Idem), as quais existem fora dela mesma.

Identidade não existe sem a diferença (Idem, p.3), eis uma noção ou categorização fundamental para evocar o conceito de identidade nos dias de hoje: se digo que sou lajedense, ao mesmo tempo em que me afirmo como tal – pertencendo a

uma sociedade – evoco o atributo da diferença – se sou do município de Lajedo é porque não sou do município de Garanhuns, Caruaru, Recife, etc. A identidade me diz o que sou enquanto ser individual e social do mesmo modo o que não sou. É afirmação e negação ao mesmo tempo.

Do mesmo modo que ocorrera com o conceito de identidade, a categoria patrimônio histórico cultural também passa por um momento de reflexão em torno de sua delimitação teórico-conceitual. No entanto, podemos caracterizá-lo “[...] por bem móvel, imóvel e/ou natural que possui um valor significativo para uma determinada sociedade” (OLIVEIRA; SANTANA; VASCONCELOS, 2012, p.230). Segundo Gonçalves (2003, p.23) “A categoria patrimônio, tal como ela é usada na atualidade, nem sempre conheceu fronteiras tão bem delimitadas”. Ao passo que a própria categorização do termo e sua consequente delimitação se caracterizam enquanto uma construção histórico-social. Nesse sentido, a categoria patrimônio histórico é produto do convívio social no decorrer do tempo.

De acordo com este autor (2012, p.65): o discurso sobre o patrimônio na atualidade evidencia muito mais a possibilidade presente de reprodução desse passado do que a ênfase numa relação orgânica com o passado, numa representação deliberada de “regimes de autenticidades”. É o passado vivido e representado na própria dinâmica da sociedade que o atualiza, na medida em que esse passado é reinventado, reproduzido e recriado no presente. Não é o passado pelo passado, mas o passado reelaborado e atualizado no tempo presente. Mas não pode existir valor em si a não ser que a memória exercite no seio da comunidade tal valoração. Para Le Goff (1990), compreender o termo do ponto de vista compatível com a identidade cultural é algo que corresponde à questão das facetas da memória e suas funções biopsicológicas e culturais, na ativa de rememoração e atualização de determinados aspectos. Nesse ponto de vista, podemos entender a memória enquanto memória seletiva no papel da rememoração, pois ela seleciona aquilo que quer lembrar. A memória com o poder de atribuir valor aquilo que se quer lembrar e/ou aquilo que se quer esquecer.

3 Materiais e Métodos

Inicialmente, para a realização deste estudo foi feita uma pesquisa bibliográfica, pautada na consulta de obras e textos referentes à temática em questão, para aquisição de embasamento teórico-metodológico. Além disso, consultou-se

documentos, material literário, e periódicos específicos aos Caldeirões. Ambos os procedimentos serviram como aporte para a sucessiva pesquisa de campo.

Em seguida, se desenvolveu uma pesquisa de cunho qualitativo, visando compreender importantes aspectos no que se refere às condições específicas dos atores sociais da referida comunidade em relação aos Caldeirões, onde se insere o estudo de campo, desenvolvido no intuito de através da observação *in loco* apreender a atual situação dos Caldeirões, bem como coletar por meio de entrevistas com moradores mais antigos da cidade de Lajedo a memória coletiva urbana, e o sentimento de pertencimento e identidade com os Caldeirões.

4 Localização e aspectos locacionais dos Caldeirões

A estrutura rochosa dos Caldeirões situa-se no município de Lajedo, o qual está localizado no Agreste de Pernambuco (Figura 1), acerca de 192 km da capital pernambucana, Recife. Sua população compreende 36.606 mil habitantes, destes 26.391 residem na cidade, enquanto 10.215 moram no campo. Lajedo é um município relativamente jovem, por possuir apenas 64 anos. O nome do município (Lajedo) é decorrente dos diversos afloramentos rochosos existentes na área, dos lajeiros, ou melhor, dos Caldeirões, superfícies rochosas irregulares que retêm água da chuva, e que por muito tempo serviu para acumular água e abastecer a população.



Figura 1: Localização do Município de Lajedo

Fonte: IBGE, 2013.

No que diz respeito ao nome Caldeirões, este é proveniente da capacidade da rocha de reter água da chuva, proporcionado graças ao processo de fragmentação física e abertura de cavidades onde se acumula água (Foto 1).



Foto 1: Acumulação D'água na Estrutura rochosa dos Caldeirões

Fonte: Arquivo pessoal de Vanderly Marinho, 2012.

A rocha denominada pela população de Caldeirões, se encontra especificamente no espaço urbano de Lajedo, no centro da cidade, por trás de uma de suas principais avenidas, a Av. Presidente Kennedy onde está localizado o principal centro educacional da rede de ensino municipal, o Colégio Normal do Lajedo. No entorno dos Caldeirões, situa-se a localidade dos Caldeirões, nome atribuído a comunidade devido à proximidade com o afloramento rochoso. Além disso, a estrutura rochosa dos Caldeirões, está localizada próximo aos riachos que cortam a cidade de Lajedo, são eles: o Riacho Doce e o seu afluente Riacho da Prata (Foto 2).



Foto 2: Localização dos Caldeirões na cidade de Lajedo

Fonte: Prefeitura Municipal de Lajedo (2002), adaptado por Julio César Félix.

Os Caldeirões, geologicamente falando, é um afloramento rochoso metamórfico, isto é, uma rocha resultante de transformações sofridas pelas rochas preexistentes, magmáticas ou sedimentares, submetidas a bruscas variações de pressão e temperatura, que acabam por modificar a composição mineral ou a estrutura e textura

da rocha. A esse processo dá-se o nome de metamorfismo. Por isso, há diversos tipos de rochas metamórficas, os principais são: gnaisse, ardósias, xistos, quartzitos, milonitos, e mármore. Neste caso, trata-se especificamente de uma rocha Gnaisse. De acordo com Castro, C. e Jatobá, L. (2006), Esse tipo de rocha é muito comum no Nordeste brasileiro, em terrenos de embasamento cristalino, onde predominam granitos e migmatitos. Os autores também destacam as principais características desse tipo de rocha: textura grossa e bem orientada, variação de cor entre cinza, rósea ou quase preta, e composta por vários minerais, como feldspato, quartzo, anfibólios, biotita, granada, etc. Essa variação de cor dos Caldeirões pode ser observada na foto 3.



Foto 3: Variação de cores dos Caldeirões.

Fonte: Julio César Félix, 2013.

5 Resultados e Discussões

Os Caldeirões foi condição mister para o surgimento da cidade de Lajedo, isto é, inicialmente para sua fundação como fazenda (e posteriormente povoado, distrito e cidade), já que em 1852 as terras hoje pertencentes ao município de Lajedo eram parte integrante do território do município de São Bento do Una. O local onde hoje é Lajedo, foi escolhido estrategicamente pelo Sr. Vicente Ferreira para se morar, pois o mesmo se preocupou em se instalar próximo aos recursos hídricos, como o Riacho Doce e seu afluente Riacho da Prata, e especialmente dos Caldeirões, rochas dotadas da capacidade de reter água da chuva, e por isso era o principal reservatório do lajedenses até a década de 1950. Conforme Silva, J.C.F. e Santos, C.C. (2012) até a década de 1950, a cidade de Lajedo possuía poucas casas, existia apenas dois quadros de rua, e a população absoluta do município era somente de 2.186.

Como a população era pequena e marcada por traços e ritmos lentos nos diversos segmentos sociais, os Caldeirões conseguia suprir as necessidades do

lajedense, já que não havia abastecimento de água por via de encanamento. Segundo um entrevistado, “Os Caldeirões sempre foi voltado para as pessoas menos favorecidas. Em uma época que não se tinha água encanada, e quando tinha era para os privilegiados. Ele foi o Oásis para os bairros circunvizinhos”. Por essa razão a preocupação em preservar a área era constante, para garantir a manutenção hídrica ao atendimento das necessidades da população de Lajedo. Uma das medidas tomadas pela população era a organização de mutirão de limpeza da área em tempos de estiagem, quando do esvaziamento dos Caldeirões (Foto 4).



Foto 4: Mutirão de limpeza dos Caldeirões.

Fonte: Arquivo pessoal de Adeilzo Santos.

Além dessa medida de limpeza, houve uma época em que se estabeleceu uma vigilância para garantir a ordem na área e a conservação da qualidade da água dos Caldeirões. Pois existiam três grandes cavidades que acumulavam água, a cada uma delas lhe foi atribuído um uso específico, o de tomar banho, o de lavar roupa e o de beber água. Esses usos do lugar, assim como outros são apresentados explicito e implicitamente no poema intitulado de “Nos Cadeirões”, do poeta e cordelista lajedense Adeilzo Santos. Observe o referido poema logo abaixo.

Nos Caldeirões

Eu ia Buscar Água
Eu ia tomar banho
Mãe ia lavar Roupa
Nos Caldeirões.

Casais namoravam
Outros se afogavam
Outros se salvavam
Nos Caldeirões.

O de tomar banho
O de lavar roupa
O de água para beber
Nos Caldeirões.

Têm tanto mistério
Tem tanta saudade
Tem tanta tristeza
Nos Caldeirões.

O poema “Nos Caldeirões”, retrata profundamente o convívio social de outrora dos lajedenses com os Caldeirões, enfocando a maneira como era usado e a significação do lugar para o grupo social. A partir do poema depreende-se que os Caldeirões era uma área da cidade onde se materializava o sofrido e necessário cotidiano social, o refúgio para as classes empobrecidas, mas ao mesmo tempo um espaço de lazer e descontração, um ponto de encontro social, e porque não dizer ponto turístico, um lugar de romances, de alegrias e tristezas, um lugar da vida, mas também da morte. Um lugar de segredos, de saudades e de lembranças, enfim, um lugar onde foram estabelecidos diversos laços afetivos por pessoas de diferentes idades, um lugar de memórias individuais e coletivas da cidade de Lajedo.

Essa conjuntura de fenômenos sócio espaciais e a sua subjetividade também foram constatados nos depoimentos dos entrevistados. Conforme um dos entrevistados, “As donas de casa, principalmente as mais pobres, que muitas vezes não tinham acesso a água encanada, combinavam uma vez por semana e íamos lavar roupas, era água limpa, parecia mineral, era um dia de festa para todos nós”. Assim, enfoca a dureza dos afazeres domésticos, a relação com um grupo de pessoas que desenvolviam a mesma atividade, e ao mesmo tempo o lazer e a descontração que o ambiente social e paisagístico dos Caldeirões proporcionava. Outro entrevistado exprime a funcionalidade dos Caldeirões e a sua apropriação da água por determinados indivíduos para obtenção de renda. “Os Caldeirões era o único reservatório de água que abastecia a população, muitos ganhavam dinheiro na venda e entrega d’água a domicílio”. Já outros destacam os Caldeirões como ponto de encontro social, como um praça e até ponto turístico. “Na infância, na juventude ele era um lugar de encontro com os amigos, com os namorados, onde nos divertíamos com o simples e a beleza das águas”. “Era um local bastante frequentado por mulheres e crianças. Até namorados se encontravam lá”. “Os Caldeirões era um ponto turístico de Lajedo”.

Os depoimentos dos entrevistados juntamente com as fotos 5 e 6 expressam o forte e ativo convívio social preconizado em tempos passados pelos lajedenses, bem como revelam o sentimento de pertencimento com os Caldeirões. Convergindo e corroborando assim com o registro poético de Adeilzo Santos, “Nos Caldeirões”.



Foto 5: Criança nos Caldeirões.

Fonte: Arquivo Pessoal de Paulo Henrique Dias.



Foto 6: Jovens nos Caldeirões.

Fonte: Arquivo Pessoal de Paulo Henrique Dias.

Entretanto, hoje já não existe o convívio social de tempos passados, pois a estrutura rochosa dos Caldeirões está sendo negada pelos processos de urbanização, a população por não necessitar mais da água do mesmo, o tornou fonte de lixo e esgotos, de acúmulo de metralhas e criação de animais, enfim, uma área insalubre para aqueles que a frequentam, soma-se a isso a poluição do Riacho Doce que em dias de chuvas torrenciais despeja suas águas pútridas nos Caldeirões, além das ocupações irregulares em suas imediações que colocam em xeque a sua existência, assim literalmente os lajedenses deram as costas para os Caldeirões (Fotos 7 e 8).



Foto 7: Lixo nos Caldeirões.

Fonte: Julio César Félix, 2013.



Foto 8: Casas nas imediações dos Caldeirões.

Fonte: Julio César Félix, 2013.

De acordo com um dos entrevistados, quando questionado sobre a situação dos Caldeirões, destacou que o lugar vem sendo negado desde a década de 1980 até os dias atuais. “Totalmente abandonado pelas autoridades desde os anos 80, autoridades

que não percebem que um local daqueles não deveria ser desprezado. Já foi muito danificado por diversas construções ilegais, que estão limitando a sua área”. Justamente na década de 1980 houve a ampliação parcial da rede de abastecimento de água para a cidade, especificamente no ano de 1982, visto que a população do município crescera segundo dados do IBGE para 25.685, destes 11.139 residiam na cidade, e por isso o potencial hídrico dos Caldeirões não conseguia atender a demanda social. A partir de então, por não se precisar tanto da água dos Caldeirões, abandonam e progressivamente deterioram o lugar, a começar pelo poder público. Já outro depoimento retrata o descaso dos Caldeirões para além das ocupações irregulares. “Abandonado com avanço irregular da população, servindo de pasto para animais, acúmulo de lixo, águas sujas e paradas arriscando a saúde dos que ali habitam”.

Essa realidade engendra um antagonismo entre o nome da cidade e a não valorização dos lajeiros, pois o termo lajeiro (ou outros equivalentes a rocha), é presente ao lugar desde que Lajedo era apenas um pequeno povoado, conhecido como Santo Inácio dos Lajeiros. Ulteriormente, em 1890 com a emancipação política de Canhotinho, o povoado torna-se distrito do mesmo, passando a ser chamado de Lagêdo (Lajedo), vindo a se tornar Lajedo, isto é, a ser município somente em 1948. Nesse sentido, depreende-se que município de Lajedo sempre esteve imbricado aos Caldeirões. As rochas ou lajeiros se encontram na gênese do lugar e dos seus sucessivos nomes, e por isso é um elemento inextrincável a história e ao lajedense. Segundo um entrevistado, os Caldeirões é um lugar histórico de Lajedo,

Principalmente sua origem, isso já bastava. Mas foi ele que saciou a sede de tantos, foi o alívio para tanta gente. Hoje está lá, como um velho no asilo abandonado pelos filhos, como se não significasse mais nada. Isso me doe, pois queira ou não, ela faz parte da história de Lajedo, ou melhor, ele é Lajedo.

Diante desse contexto, o depoimento de todos os entrevistados se direciona no apelo por uma outra paisagem dos Caldeirões, para uma relação harmônica entre a sociedade e o ambiente dos Caldeirões, isto é, restauração, preservação e revalorização da área. Trata-se de discursos e lembranças, memórias individuais e coletivas, imbuídas de muita saudade e apego para com o lugar, um sentimento de pertencimento com os Caldeirões. Como pode-se perceber nos relatos a seguir. “Os Caldeirões era para ser parque, um ponto turístico, com guias contando sua história, os lajedenses distantes acompanhando pela internet, ou matando a saudade com um lindo cartão postal”. “Há muitos anos atrás deveria ser tombado pelo município e sua

área deveria ter sido criado um parque ecológico municipal, como Garanhuns que tem o Rubem Van Der Linden”.

A partir dos depoimentos é perceptível que os Caldeirões significa uma identidade para os lajedenses, e por isso existe um afã em torná-lo patrimônio histórico, parque ecológico urbano, enfim, de proteger a área e revalorizá-la. Concomitantemente, constatou-se que há o sentimento de revolta, devido à situação como o mesmo se encontra hoje e pela inércia dos governantes em meio a essas circunstâncias. Além do esquecimento material, vem ocorrendo um esquecimento mental, por parte das novas gerações, já que muitos desconhecem os Caldeirões a existência do objeto e a sua importância histórica, pois não existe mais o convívio como antes pela situação deplorável dos Caldeirões, bem como pela escassez de registros históricos sobre o mesmo. Assim, faz necessário reafirmar essa identidade através da materialidade, que hoje seria a revalorização dos Caldeirões e o registro da memória coletiva acerca do objeto.

6 Considerações finais

Os Caldeirões foi uma das condições necessárias para o surgimento da cidade, em primórdios, o mesmo servia como recurso hídrico e área de lazer, graças à população que não era numerosa e a relação harmônica existente entre a mesma e o objeto, um lugar do urbano de convívio social.

Precedido do caráter histórico cultural que a formação rochosa dos Caldeirões tem para com o município de Lajedo, ligados por vínculos históricos, pode-se afirmar que aquela estrutura além de ser patrimônio natural, caracteriza-se também como patrimônio cultural daquela cidade, pelas próprias vivências e sociabilidades que ali existiram e, porque não dizer ainda existem – mesmo em face ao abandono. Pois, além do vínculo histórico, os Caldeirões marca profundamente a vida cotidiana dos cidadãos – no passado e no presente – por estabelecer laços afetivos e necessários com o lugar. Assim caracterizado, os Caldeirões é patrimônio vivo e vivido da sociedade lajedense ao representar a identidade viva e vivida por um povo. Viva e vivida na medida em que ao mesmo tempo rememora o passado, a recria no presente.

Essa contextualização dos fatos ocorridos em tempos passados torna-se um documento que transforma os Caldeirões em memória histórica, e ao mesmo tempo esse registro é relevante por se tratar de um ponto de partida para possível

tombamento do objeto em patrimônio histórico cultural, além de ser necessário e urgente devido às circunstâncias em que hoje se encontra os Caldeirões.

Por fim, é notável que a memória coletiva de um lugar, de uma cidade, elemento de suporte e referência para feitos do (e no) presente e ao mesmo tempo subsídio para projetos de ações futuras, visto que fortalece a identidade de um grupo social, tornando-o mais solidário, forte e ativo. E desse modo, vale ressaltar o papel fundante da preservação do lugar, enquanto lugar de memória.

7 Referências

ABREU, Maurício. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B.(Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTRO, C.; JATOBÁ, L. **Litosfera: minerais, rochas, relevo**. 2ª ed. Recife: Bagaço, 2006.

GONÇALVES, José R. S. **O patrimônio como categoria de pensamento**. Ensaios contemporâneos, Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

_____. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente. In: TAMOSO, I.; FILHO, M. F. L. (Org.). **Antropologia e patrimônio cultural: trajetória e conceitos**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia (ABA), 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão – Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1994.

OLIVEIRA, Emanuel M. Atanásio; SANTANA, Iolanda Cardoso; VASCONCELOS, Lydiane Batista. **Festival da canção brasileira de Quipapá: o Patrimônio Cultural Imaterial suplantando o Político**. Revista Diálogos nº 7, UPE/FACETEG, Garanhuns-PE, p.230-246, 2012.

SANTOS, Adeilzo. **Nos caldeirões**. Lajedo, 2003.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, Julio César F., SANTOS, Clélio C. **Problemática ambiental dos rios urbanos: vulnerabilidades e riscos nas Margens do Riacho da Prata na cidade de Lajedo-PE**. Revista Brasileira de Geografia Física. Recife, p.488 - 508, 2012.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.